

## A reinvenção da escola

(NÃO ASSINADO)

O Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV) divulgou mais um estudo, que vem se reunir aos outros tantos levantamentos e pesquisas que têm sido publicados sobre o estado calamitoso da educação no Brasil, a pública de modo especial, nessas semanas recentes. De fato, a fatura desses documentos expressa uma preocupação de quantos se preocupam com uma situação cuja permanência poderá jogar por terra as melhores esperanças do país em relação à construção de uma sociedade mais aberta, mais justa, humana e verdadeiramente bem-sucedida. Sociedades bem-sucedidas não são aquelas que apenas alcançam patamares sólidos de desenvolvimento sustentado, medido pelo Produto Interno Bruto, mas se preocupam também com uma distribuição mais justa das riquezas, com a preservação dos recursos ambientais, com a qualidade de vida de suas populações. E não se conquista uma adequada qualidade de vida sem uma adequada qualidade de educação, em todos os níveis.

O estudo recém-divulgado pela FGV aponta especificamente para a encruzilhada que o ensino médio brasileiro encara nesta etapa crucial que a nacionalidade enfrenta. O trabalho registra que um em cada cinco jovens entre 15 e 17 anos abandona a escola. Embora focada na região da Grande São Paulo, o índice de fuga das salas de aula nesta faixa etária, idade-alvo do ensino médio, pouco oscila nas demais regiões do país. A avaliação constata também que o principal motivo para a evasão deixou de ser, há muito tempo, a necessidade de que os jovens nesta idade teriam de trabalhar, e hoje é o escasso interesse deles pela escola, o que ela ensina e a maneira como o faz.

Não basta, portanto, criar mais bolsas como incentivo às famílias para manter seus filhos em aula – e sequer isto é fiscalizado como condição para a continuidade do benefício. A escola afasta-se do estudante, o ensino médio massificado e divorciado das novas realidades de um mundo em que as inovações ocorrem em ritmo estonteante e se atropelam não tem apelo para os jovens. Os próprios professores, mal remunerados e que hoje se transformaram em alvos de alunos frustrados e violentos dentro das salas de aula, não recebem apoio ou incentivo para mudar esta situação de mesmice e repulsa. A escola de nível médio precisa se reinventar para tornar-se atraente ao seu público, e estancar a fuga dos estudantes das salas de aula.

Esta é uma tarefa urgente para os educadores conscientes e homens públicos de visão e competência, estes últimos um tanto escassos nesses tempos de política e costumes ao rés-do-chão.